

FORMAÇÃO DOCENTE E SIMULAÇÃO MÉDICA: REFLEXÕES E CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NA UNIVERSIDADE IGUAÇU

TEACHER TRAINING AND MEDICAL SIMULATION: REFLECTIONS AND PATHS FOR PROFESSIONAL DEVELOPMENT AT IGUAÇU UNIVERSITY

LIGA ACADÊMICA DE SIMULAÇÃO E PRÁTICA MÉDICA INTEGRADA (LASPM)

Autores: Ana Beatriz Gagno¹, Gabriela Abreu Martins¹, Thaís Lago Medeiros¹, Renan Bruno Faria Pisani¹, Caroline Amorim Merçon Vieira¹, Byanca Ribeiro Benevenuto¹, Bruna Rambo Witte¹, Jorge Ferreira da Silva Júnior²

1 – Discentes de Medicina da Universidade Iguaçu e membros da direção da liga acadêmica de simulação e prática médica integrada

2 – Médico, docente de Medicina da Universidade Iguaçu e coordenador da Liga Acadêmica de Simulação e Prática Médica Integrada

Autor correspondente: Ana Beatriz Gagno, Nova Iguaçu RJ, 21996689199, biiagagno@hotmail.com

Resumo:

Introdução: A formação docente para o uso da simulação no Ensino Médico é fundamental para uma aprendizagem eficaz e alinhada às diretrizes curriculares. Este estudo, realizado na UNIG, analisa a percepção de 82 docentes, identifica barreiras e propõe diretrizes para a formação institucional. **Materiais e método:** Estudo descritivo quali-quantitativo com revisão narrativa da literatura e questionário aplicado a 82 docentes. Os dados foram analisados por estatística descritiva e análise de conteúdo, respeitando normas éticas. **Discussão:** Os resultados revelam que, apesar do reconhecimento da importância da simulação no ensino médico, sua aplicação enfrenta barreiras como falta de capacitação, infraestrutura e integração curricular. **Conclusão:** O estudo evidenciou que, apesar do interesse docente e da infraestrutura disponível, a falta de formação continuada limita o uso efetivo da simulação. Propõe-se um programa estruturado de capacitação para integrar essa metodologia ao ensino médico e qualificar a formação profissional.

Palavra chaves: Simulação, Ensino médico, Formação docente, Medicina

Abstract

Introduction: Teacher training for the use of simulation in medical education is essential for effective learning aligned with curricular guidelines. This study, conducted at UNIG, analyzes the perception of 82 teachers, identifies barriers and proposes guidelines for institutional training. **Materials and method:** Qualitative and quantitative descriptive study with narrative review of the literature and questionnaire applied to 82 teachers. Data were analyzed by descriptive statistics and content analysis, respecting ethical standards. **Discussion:** The results reveal that despite the recognition of the importance of simulation in medical education, its application faces barriers such as lack of training, infrastructure and curricular integration. **Conclusion:** The study showed that, despite the interest of teachers and the available infrastructure, the lack of continuing education limits the effective use of simulation. A structured training program is proposed to integrate this methodology into medical education and qualify professional training.

Keywords: Simulation, Medical education, Teacher training, Medicine

Introdução

A formação médica contemporânea enfrenta o desafio de aliar excelência técnica ao desenvolvimento de competências ético-humanísticas, requerendo metodologias educacionais que aproximem os estudantes da realidade clínica de forma segura e gradual. Neste contexto, a simulação surge como uma estratégia pedagógica inovadora e potente, permitindo a reprodução de situações clínicas reais em ambientes controlados, onde o erro se torna parte do processo de aprendizagem.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Medicina, atualizadas em 2014, reforçam a importância da inserção dos estudantes em cenários que favoreçam o desenvolvimento de competências integradas: conhecimentos, habilidades e atitudes. Elas apontam, explicitamente, a simulação como um recurso metodológico que deve ser incorporado ao longo do curso, possibilitando a formação crítica e reflexiva do futuro médico, com ênfase em contextos do Sistema Único de Saúde (SUS).

Apesar do reconhecimento de seu valor pedagógico, a implementação da simulação ainda encontra barreiras significativas nas instituições de ensino superior, especialmente relacionadas à ausência de formação específica por parte dos docentes. A transição de métodos tradicionais para abordagens ativas, como a simulação, exige um novo posicionamento do professor, que deve atuar como facilitador da aprendizagem, dominando não apenas os conteúdos clínicos, mas também as estratégias de ensino-aprendizagem.

Na Universidade Iguaçu (UNIG), mesmo com a existência de um Laboratório de Habilidades e Simulação (LHS) com boa infraestrutura, observa-se baixa adesão docente a

essa metodologia. Este cenário levanta a necessidade de investigar as percepções dos professores sobre o uso da simulação, identificar os entraves para sua adoção e propor ações institucionais voltadas à capacitação docente, com foco no uso pedagógico da simulação.

Este artigo propõe-se a contribuir para esse debate, explorando dados coletados com docentes da UNIG e apontando caminhos possíveis para uma formação docente contínua, alinhada às exigências contemporâneas do ensino médico e ao fortalecimento da qualidade do ensino superior em saúde.

Objetivo

Analisar a percepção dos docentes da UNIG quanto ao uso da simulação no ensino médico, identificar os principais desafios enfrentados para sua implementação e propor diretrizes para a estruturação de um programa institucional de formação docente contínua e especializada em simulação.

Justificativa

A crescente complexidade da prática médica, aliada à necessidade de garantir um aprendizado seguro e de qualidade para os estudantes, torna a simulação uma estratégia indispensável no processo de formação. No entanto, a efetividade dessa metodologia depende da qualificação dos docentes envolvidos, sendo fundamental que dominem não apenas os aspectos técnicos, mas também os fundamentos pedagógicos da simulação.

Na realidade da UNIG, embora exista infraestrutura disponível, a simulação é subutilizada. A ausência de um programa estruturado de capacitação docente limita o potencial pedagógico dessa ferramenta e compromete a integralidade da formação dos estudantes. Justifica-se, portanto, a urgência de ações institucionais que promovam a valorização da docência e a formação pedagógica em metodologias ativas, em especial a simulação clínica.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com abordagem quali-quantitativa. A pesquisa foi realizada em duas fases complementares. A primeira consistiu em uma revisão narrativa da literatura, com levantamento em bases de dados reconhecidas como SciELO, PubMed e Web of Science, considerando publicações até o ano de 2018, com o objetivo de embasar teoricamente as discussões sobre simulação no ensino médico e formação docente.

A segunda fase envolveu a aplicação de um questionário semiestruturado para 82 docentes voluntários da Universidade Iguazu. O instrumento, composto por 11 perguntas abertas e fechadas, foi validado por especialistas em educação médica e aplicado mediante

assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A análise dos dados foi conduzida por meio de estatística descritiva (frequência e percentual) para os dados quantitativo, e análise de conteúdo temático para as respostas abertas, buscando identificar padrões de percepção, desafios enfrentados e sugestões dos docentes sobre o uso da simulação.

Os critérios éticos foram respeitados conforme as normativas da pesquisa em seres humanos, garantindo confidencialidade e anonimato dos participantes.

Resultados

A pesquisa contou com a participação de 82 docentes do curso de Medicina da Universidade Iguaçu, atuantes em diversos períodos da graduação. Observou-se uma distribuição equilibrada entre os ciclos básico, clínico e internato. Quando questionados sobre o conhecimento do Laboratório de Habilidades e Simulação (LHS), 72 docentes (88%) afirmaram conhecê-lo, embora apenas 53 (61%) tenham relatado já ter utilizado o espaço em atividades pedagógicas.

Entre os 29 docentes que nunca utilizaram o LHS, os principais motivos apontados foram: falta de conhecimento técnico sobre como aplicar a simulação (56%), ausência de equipamentos adequados (24%), falta de espaço apropriado (10%) e carência de pessoal de apoio (10%). Esses dados indicam que, embora o laboratório exista fisicamente, barreiras estruturais e formativas ainda limitam seu uso pleno.

A periodicidade de utilização do LHS também apresentou variação significativa: 16 docentes (20%) afirmaram utilizá-lo semanalmente, enquanto 12 (15%) o utilizam apenas semestralmente. Outros 22 docentes (27%) não responderam à pergunta ou declararam nunca ter utilizado o laboratório, evidenciando um uso ainda aquém do potencial.

Quanto à percepção sobre a contribuição da simulação para o ensino, 68 docentes (83%) acreditam que suas disciplinas poderiam ser enriquecidas por meio de atividades simuladas, destacando como principais benefícios: melhoria no aprendizado, desenvolvimento de habilidades clínicas e fortalecimento do trabalho em equipe. Além disso, 72 docentes (88%) acreditam que o uso da simulação resultaria em melhoria significativa no desempenho dos discentes.

No que diz respeito à formação prévia, 43 docentes (53%) já haviam participado de treinamentos relacionados ao uso da simulação em ambientes acadêmicos, enquanto 45 (55%) relataram experiências com cursos extracurriculares em simulação aplicada à saúde, como ACLS, ATLS, simulações de politraumatismo, parto e broncoscopia.

A pesquisa também revelou que 74 docentes (90%) demonstram interesse em incorporar a simulação em suas práticas pedagógicas. Entretanto, esse interesse ainda

esbarra na ausência de apoio institucional estruturado, como programas de capacitação específicos, tutoria entre pares e integração do LHS aos planos de ensino.

As respostas abertas reforçaram a percepção da simulação como ferramenta valiosa, sendo frequentemente descrita como ambiente seguro, espaço para a prática sem risco ao paciente e meio eficaz para desenvolver competências técnicas e comportamentais. Contudo, também ficou evidente a necessidade de ações institucionais que garantam maior acessibilidade, suporte técnico e incentivo pedagógico para a adoção da simulação de forma mais ampla e sistemática.

Discussão

Os resultados desta pesquisa evidenciam um cenário de contradições na formação médica na Universidade Iguaçu. Há, por um lado, amplo reconhecimento dos docentes quanto ao valor pedagógico da simulação e desejo de aplicá-la em suas disciplinas. Por outro, persistem limitações significativas relacionadas à capacitação docente, infraestrutura e integração curricular, que dificultam a utilização efetiva dessa metodologia.

O alto índice de docentes que conhecem o LHS, mas não o utilizam (39%), reforça a ideia de que a presença física de um laboratório não garante sua efetividade como ferramenta educacional. Como apontam Brandão e Fernandes (2018), a simulação requer, além de equipamentos, uma cultura pedagógica que a valorize e a integre às práticas docentes. Neste sentido, o descompasso entre o reconhecimento da importância da simulação e sua adoção prática sugere a necessidade de uma política institucional mais robusta.

Outro aspecto relevante é a formação docente. Apesar de mais da metade dos docentes relatarem já ter participado de cursos ou treinamentos extracurriculares em simulação, muitos ainda não se sentem confiantes para aplicar a metodologia em suas disciplinas. Isso indica que a capacitação isolada não é suficiente, sendo necessário um programa estruturado de formação contínua, com foco não apenas nas ferramentas técnicas, mas também nas estratégias pedagógicas e no planejamento didático.

A literatura aponta que o ensino baseado em simulação (EBS) contribui significativamente para o desenvolvimento do raciocínio clínico, da autonomia e do trabalho em equipe (Scallon, 2015; Dourado & Giannella, 2014). No entanto, para alcançar esse potencial, é fundamental que os docentes sejam preparados para conduzir cenários simulados com propósito formativo claro e práticas como o debriefing, que promovem a reflexão e a consolidação da aprendizagem (Phrampus & O'Donnell, 2013).

A ausência de um programa institucional de formação docente em simulação pode ser interpretada como um reflexo de um modelo de ensino ainda centrado na exposição teórica e na figura do professor transmissor do conhecimento. Como destacam Almeida (2012) e

Anastasiou (2009), a transição para práticas mais ativas exige uma reconfiguração das identidades docentes e a criação de espaços formativos permanentes.

Ademais, o interesse expressivo dos docentes em utilizar a simulação (90%) revela um cenário fértil para a implementação de mudanças. Cabe à instituição criar condições concretas para que esse interesse se transforme em ação pedagógica, por meio da oferta de programas de formação continuada, incentivo à experimentação docente, valorização institucional da inovação e adequação das condições de trabalho.

A análise das respostas abertas mostrou que, mesmo entre os docentes que já utilizam a simulação, ainda há dúvidas sobre como integrá-la de forma sistemática às suas disciplinas. Essa lacuna pode ser suprida com apoio técnico-pedagógico, compartilhamento de boas práticas entre pares e construção coletiva de estratégias de ensino, consolidando uma comunidade de prática voltada ao ensino por simulação.

Dessa forma, os dados revelam que o avanço na utilização da simulação na formação médica não depende apenas da vontade individual do docente, mas de um compromisso institucional com a inovação pedagógica e a formação de professores preparados para os desafios do ensino contemporâneo em saúde.

Conclusão

Este estudo permitiu compreender as percepções, desafios e potencialidades da simulação como ferramenta pedagógica na formação médica, a partir da realidade da Universidade Iguazu. Os dados evidenciam que, apesar da existência de infraestrutura e do interesse docente, a ausência de um programa institucional de formação continuada limita a efetivação da simulação como estratégia de ensino integrada ao currículo.

A simulação se destaca como metodologia capaz de promover a aprendizagem ativa, segura e centrada no estudante. No entanto, sua implementação eficaz exige um corpo docente qualificado, que compreenda seus fundamentos pedagógicos e saiba planejar, executar e avaliar cenários simulados com intencionalidade formativa. A formação docente, nesse contexto, deve ser contínua, contextualizada e articulada às necessidades institucionais e aos princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais.

A instituição, por sua vez, deve assumir o compromisso de fomentar a cultura da simulação, valorizando o papel do professor como agente de transformação. Isso inclui investir na capacitação docente, na reorganização dos espaços de aprendizagem, na integração da simulação aos projetos pedagógicos de curso e na criação de políticas que incentivem a inovação.

Com base nos achados da pesquisa, propõe-se à criação de um programa de formação docente em simulação composto por três módulos: fundamentos pedagógicos,

desenvolvimento de cenários e *debriefing*, e integração curricular. Essa proposta visa apoiar os docentes na adoção da simulação como prática regular, favorecendo a construção de um ambiente educacional mais dinâmico, reflexivo e comprometido com a qualidade da formação médica.

Conclui-se que o fortalecimento da formação docente em simulação na UNIG representa um caminho promissor para a qualificação do ensino médico, contribuindo para a formação de profissionais mais preparados, éticos e comprometidos com as necessidades da sociedade e do Sistema Único de Saúde (SUS).

REFERÊNCIAS:

1. Almeida MI. **Experiências de formação e profissionalização de professores universitários. Formação do professor do ensino superior – desafios e políticas institucionais.** S. Paulo: Cortez, 2012.
2. Anastasiou LGC. **A Teoria e a Prática de Processos de Formação Continuada do Docente Universitário.** Pedagogia Universitária. S. Paulo: EdUSP, 2009.
3. Brandão CFS, Fernandes CD. **Importância e desafios do treinamento simulado em saúde.** Sci Med. 2018.
4. Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** D.O.U. de 23/12/1996, p. 27833. Acesso em: 28 de set. 2018.
5. Gómez JMG, Vinagre JC, Hita EO, et al. **Nuevas metodologías en el entrenamiento de emergencias pediátricas: Simulación médica aplicada a pediatría.** Na Pediatric (Barc). 2018.
6. Nogueira LS, Wilson AMMM, Karakhanian ACM, Parreira EV, Machado VMP, Mira VL. **Avaliação dos conhecimentos e habilidades em ressuscitação cardiopulmonar assimilados por profissionais da atenção primária em saúde** Sci Med. 2018.
7. Okuda Y, Bryson EO, Junior SD, Jacobson L, Quinones J, Shen B, et al. **The utility of simulation in Medical Education: What is the evidence?** Mount Sinai Journal of Medicine. 2009.
8. Scallon G. **Avaliação da aprendizagem numa abordagem por competências.** Curitiba: PUCPRes; 2015.
9. Varga CRR, Almeida VC, Germano CMR, Melo DG, Chachá SGF, Souto BGA, et al. **Relato de experiência: o uso de simulações no processo de ensino aprendizagem em medicina.** Revista Brasileira de Educação Médica. 2009.
10. Ypinazar VA, Margolis SA. **Clinical simulators: applications and implications for rural medical education.** Rural Remote Health. 2006.

